

JAMES
PATTERSON

*O Diário de Suzana
para Nicolas*



ARQUEIRO

KATIE



KATIE WILKINSON estava mergulhada na água quente em seu apartamento em Nova York. A banheira de louça era antiga e fora de moda, mas ainda assim maravilhosa. O apartamento tinha um ar *vin-tage* romântico e funcional. Guinevere, sua gata persa, se encarapitara na pia como um casaco de lã cinza que Katie houvesse acabado de tirar. Merlin, seu labrador preto, estava deitado no chão em frente à porta que dava para o quarto. Os dois a observavam com um ar de preocupação.

Katie abaixou a cabeça quando terminou de ler o diário encadernado em couro e o colocou sobre o banquinho de madeira ao lado da banheira. Sentiu o corpo estremecer.

Então começou a soluçar e viu que suas mãos tremiam. Estava perdendo o controle e isso não era algo que acontecesse com frequência. Ela era uma pessoa forte, sempre fora. Sussurrou as palavras que ouvira uma vez na igreja do pai em Asheboro, na Carolina do Norte:

– Senhor, oh, Senhor, *onde* o Senhor está?

Jamais imaginaria o efeito perturbador que aquelas páginas poderiam ter sobre ela. É claro que não havia sido apenas o diário que a deixara tão confusa e tensa.

Não, não havia sido apenas o diário de Suzana para Nicolas.

A imagem de Suzana lhe veio à cabeça. Katie a *vira* em sua casa tão singular na Beach Road, em Martha's Vineyard.

Então pensou no pequeno Nicolas aos 12 meses de idade, com olhos azuis absolutamente brilhantes.

E, por fim, visualizou Matt.

Pai de Nicolas.

Marido de Suzana.

E ex-namorado de Katie.

O que ela pensava de Matt agora? Poderia algum dia perdoá-lo? Não tinha certeza. Mas finalmente compreendia um pouco do que havia acontecido. O diário tinha apontado pequenos traços do que ela precisava saber, bem como lhe revelara segredos dolorosos de que talvez não quisesse tomar conhecimento.

Katie afundou um pouco mais na água e se viu pensando no dia em que havia recebido o diário: 19 de julho.

A lembrança fez com que começasse a chorar novamente.

NA MANHÃ DO DIA 19, Katie sentira-se atraída ao rio Hudson e acabara indo até o píer da empresa que vendia passeios de barco ao redor da ilha de Manhattan. Uma vez, de brincadeira, ela e Matt haviam feito aquela pequena viagem. Mas acabaram gostando tanto que a repetiram muitas vezes.

Embarcou no primeiro passeio do dia. Estava triste, mas com raiva também. Deus do Céu, ela não sabia o que estava sentindo.

Naquele horário, o barco não ficava tão cheio de turistas. Pegou um lugar perto do parapeito do deque superior e observou Nova York de sua posição privilegiada.

Algumas pessoas a notaram sentada ali sozinha – principalmente os homens.

Katie normalmente se destacava em meio à multidão. Era alta – quase 1,80 metro – e tinha olhos azuis amistosos e simpáticos. Sempre pensara em si mesma como desajeitada e tinha a sensação de que chamava atenção por todos os motivos errados. As amigas discordavam. Garantiam que ela era de tirar o fôlego, um arraso. Katie sempre reagia dizendo: “Ah, tá. Quem me dera.” Não se via dessa maneira e sabia que jamais veria. Era uma pessoa comum, como outra qualquer. No fundo, era só uma menina que crescera em uma fazenda da Carolina do Norte.

Costumava prender os cabelos castanhos numa longa trança, algo que fazia desde os 8 anos. Antes isso a deixava com uma aparência de moleca, mas agora lhe dava um quê de garota descolada da cidade grande. Sem querer, seu penteado estava na moda. Toda a maquiagem

que usava se resumia a um pouco de rímel e, às vezes, batom. Naquele dia, não passara nada. Definitivamente, não estava de tirar o fôlego de ninguém.

Sentada no deque superior, lembrou-se de uma de suas falas preferidas do filme *Uma aventura na África*: “Cabeça erguida, queixo para fora, cabelos ao vento, a imagem perfeita da heroína”, Humphrey Bogart provocava Katherine Hepburn. Esse pensamento a alegrou um pouco – um *tiquinho*, como a mãe dizia.

Seus olhos estavam inchados depois de tantas horas chorando. O homem que ela amava havia terminado com ela na noite anterior – de repente e sem explicação. Tinha sido um golpe para ela. Não esperava por aquilo. Quase não podia acreditar que Matt a deixara.

Desgraçado! Como pôde fazer isso? Mentiu para mim todo esse tempo – durante tantos meses? É claro que mentiu! Filho da mãe! Cretino!

Queria pensar no que havia acontecido para separá-los, mas eram só os bons momentos que tinham passado juntos que lhe vinham à mente.

Mesmo a contragosto, tinha de admitir que sempre conseguira conversar abertamente com ele sobre qualquer coisa, sem dificuldades. Falava com Matt da mesma forma como batia papo com as amigas. Até elas, que sabiam ser implicantes quando queriam e que não tinham muita sorte com homens, gostavam de Matt. *O que aconteceu?* Era o que queria desesperadamente saber.

Ele *era* atencioso – ao menos *havia sido*. Em junho ele lhe enviara uma rosa por dia porque era “seu mês de aniversário”. Sempre parecia perceber se ela havia usado aquela blusa ou aquele casaco antes, sempre notava os sapatos dela, seus humores – os bons, os maus e, de vez em quando, os péssimos.

Gostavam das mesmas coisas – ou pelo menos era o que ele dizia. Assistir a *Ally McBeal* e *O desafio* na TV, alugar *Memórias de uma gueixa*, ler *Moça com brinco de pérola*. Sair para jantar no One if by Land Two if by Sea e *depois* beber alguma coisa. Comer no Waterloo em West Village, no Coup em East Village ou no Bubby’s na Hudson Street. Ver filmes estrangeiros no cinema Lincoln Plaza. Apreciar fotos antigas em

preto e branco e pinturas a óleo que encontravam em mercados de pulgas. Ir a Nolita e Williamsburg.

Nas manhãs de domingo ele ia à igreja com Katie, onde ela dava aulas de catecismo para as crianças em idade pré-escolar. À tarde ficavam no apartamento dela – Katie lendo o *Times* de cabo a rabo e Matt revisando os poemas dele, que ficavam espalhados na cama e pelo chão do quarto e até mesmo sobre a mesa de madeira da cozinha.

Deixavam música tocando baixinho ao fundo. Tracy Chapman ou Macy Gray, às vezes Sarah Vaughan. Delicioso. Perfeito de todas as maneiras.

Ele fazia com que ela se sentisse em paz consigo mesma, ele a completava, fazia *alguma coisa* que era boa e certa. Ninguém a fizera se sentir daquele jeito antes. Inteira e abençoadamente em paz.

O que poderia ser melhor do que estar apaixonada por Matt?

Nada que Katie conhecesse.

Uma noite, pararam num barzinho com jukebox na Avenida A. Os dois dançaram e Matt cantou “All Shook Up” no ouvido dela, imitando Elvis de um jeito divertido e inesperadamente bom. Depois Matt fez um Al Green ainda melhor, deixando-a de queixo caído.

Ela queria ficar com ele o tempo todo. Era piegas, mas era verdade.

Quando ele estava em Martha’s Vineyard, onde morava e trabalhava, os dois se falavam por telefone durante horas todas as noites ou trocavam e-mails bem-humorados. Chamavam isso de “caso de amor a distância”. Só que ele nunca deixava Katie ir visitá-lo. Teria sido *esse* o sinal de alerta?

De alguma forma, tinha funcionado bem – foram 11 maravilhosos meses que pareceram passar num instante. Katie esperava que em breve ele a pedisse em casamento. Estava segura disso. Tinha até contado para a mãe. Mas havia se enganado. Muito. Chegava a ser patético. Sentia-se uma idiota – e se odiava por isso.

Como podia ter estado tão absurdamente errada a respeito dele? A respeito de tudo? Como não tinha sido alertada por seus instintos? Eles costumavam funcionar. Ela era uma pessoa inteligente. Não se enganava assim.

Até agora. E, Deus do Céu, ela havia cometido um erro impressionante.

Katie de repente se deu conta de que estava soluçando e de que todos ao redor a encaravam.

– Desculpem – disse, fazendo um sinal para que eles, por favor, parassem de olhar para ela. Corou. Estava envergonhada e se sentindo idiota.

– Eu estou bem.

Mas ela não estava bem.

Nunca se sentira tão magoada em toda a vida. Nada sequer se comparava a isso. Ela havia perdido o único homem que amara. Nossa, como amava Matt.

KATIE NÃO CONSEGUIU ir trabalhar naquele dia. Não conseguiria encarar o pessoal do escritório. Ou um estranho no ônibus. Já havia sido alvo de muitos olhares curiosos no barco.

Quando voltou para casa, havia um pacote encostado na porta da frente.

Pensou que fosse um manuscrito enviado pela editora. Xingou baixinho. Será que não podiam deixá-la em paz um minuto? Tinha o direito de tirar um dia para si de vez em quando. Eles sabiam que ela se dedicava, que amava seus livros. Sabiam quanto se importava com o trabalho.

Era editora sênior numa prestigiada editora de Nova York especializada em poesia e romances literários. As pessoas eram simpáticas e o ambiente, agradável. Ela adorava seu trabalho. Tinha sido lá que conhecera Matt. Fazia cerca de um ano que ela se entusiasmara ao ler o manuscrito do primeiro livro de poesia dele e comprara seus direitos de publicação de uma pequena agência literária de Boston.

Os dois se deram bem logo de cara, *muito* bem. Poucas semanas depois, estavam apaixonados – ou pelo menos era nisso que ela acreditava do fundo do coração, da alma, do corpo, da mente, da intuição feminina.

Como podia estar tão errada? O que havia acontecido? Por quê?

Quando se abaixou para pegar o pacote, reconheceu a caligrafia. *Era de Matt*. Não havia dúvida quanto a isso.

Quase deixou o pacote cair. Teve vontade de atirá-lo longe. Mas não foi o que fez.

Controlada demais, esse era o problema dela. *Um* dos problemas. Katie ficou olhando fixamente para o pacote durante algum tempo. No fim, respirou fundo e rasgou o embrulho de papel pardo.

O que encontrou foi um pequeno diário com jeito de antigo. Katie franziu a testa. Não estava entendendo. Então começou a sentir o estômago revirar.

Na capa estava escrito à mão “Diário de Suzana para Nicolas”. Escrito à mão, mas não com a letra de Matt.

Seria a letra de Suzana?

De repente, Katie sentiu a cabeça girando. Mal conseguia respirar. Também não conseguia raciocinar direito. Matt sempre fora reservado e reticente sobre seu passado. Uma das poucas coisas que ela havia descoberto era o nome da esposa dele: Suzana. A informação escapara numa noite, depois de duas garrafas de vinho. Mas Matt não quisera falar mais nada sobre o assunto.

As únicas discussões deles eram motivadas pelo silêncio de Matt a respeito de seu passado. Katie insistia em saber mais e isso só o fazia se calar, o que não era típico dele. Depois de uma briga de verdade, ele lhe garantira que já não estava casado com Suzana. Ele jurara. Depois dissera que aquilo era tudo o que iria contar sobre o assunto.

Quem era Nicolas? E por que Matt havia mandado aquele diário? Por que agora? Estava perplexa e mais do que perturbada.

Os dedos tremeram ao abrir o diário na primeira página. Havia um bilhete de Matt preso a ela. Os olhos de Katie começaram a se encher de lágrimas, que ela secou com raiva. Leu o que ele havia escrito.

Querida Katie,

Nada do que eu dissesse ou fizesse poderia chegar perto de expressar o que estou sentindo. Foi tudo culpa minha. Assumo toda a responsabilidade. Sinto muito pelo que permiti que acontecesse entre nós. Você é perfeita, maravilhosa, linda. Não foi você. Fui eu.

Talvez este diário explique as coisas melhor do que eu jamais conseguiria. Se puder, leia-o.

É sobre minha mulher, meu filho e eu.

Preciso avisá-la, porém, de que algumas partes provavelmente serão difíceis de suportar.

Nunca planejei me apaixonar por você, mas me apaixonei.

Matt

Katie virou a página.

O DIÁRIO



Nicolas querido, meu pequeno príncipe,

Por muitos e muitos anos eu me perguntei se algum dia seria mãe.

Naquele tempo, eu às vezes sonhava acordada pensando que seria maravilhoso e sábio gravar uma fita de vídeo a cada ano para contar a meus filhos quem eu era, o que eu pensava, quanto os amava, minhas preocupações, o que me emocionava, me fazia rir ou chorar e me fazia pensar de formas diferentes. Além, é claro, de todos os meus segredos mais íntimos.


Eu adoraria ter recebido fitas de minha mãe e meu pai contando-me quem foram e o que sentiam por mim e em relação ao mundo. Porque não sei quem eles são, e isso é meio triste. Não, é muito triste.

Por isso vou gravar um vídeo por ano para você. Mas tem mais uma coisa que quero fazer, meu amorzinho.

Quero fazer um diário, *este* diário, e prometo escrever nele com frequência.

No momento em que escrevo este primeiro texto, você tem duas semanas de idade. Mas quero começar contando algumas coisas que aconteceram antes de você nascer. Quero começar *antes* do começo, por assim dizer.

Isto é para você, Nick: a história de Nicolas, Suzana e Matt.

 ou começar por uma noite de primavera, quente e agradável, em Boston.

Na época, eu era funcionária do Hospital Geral de Massachusetts. Fazia oito anos que eu me tornara médica. Havia coisas que eu amava em meu trabalho: ver os pacientes melhorando, e até mesmo ficar ao lado daqueles que sabíamos que não se recuperariam. Mas também tinha a burocracia e os problemas do sistema de saúde pública do nosso país. E, claro, as minhas próprias imperfeições.

Eu tinha acabado de sair de um plantão de 24 horas e estava mais cansada do que você poderia imaginar. Fui passear com meu golden retriever, Gustavus, também conhecido como Gus.

Acho que preciso traçar um retrato de mim mesma naquela ocasião. Eu tinha quase 1,70 metro e longos cabelos loiros. Não era linda, mas tinha uma boa aparência e um sorriso amigável na maior parte do tempo para a maior parte dos seres humanos. Não me preocupava *muito* com as aparências.

Era sexta-feira e lembro que o fim de tarde estava muito agradável, com uma luz linda. Era o tipo do dia pelo qual dá gosto viver.

Ainda me lembro de tudo como se tivesse acabado de acontecer.

Gus começou a correr, perseguindo um pobre pato que havia saído do lago. Estávamos no Jardim Público de Boston, perto dos pedalinhos. Era nosso passeio de rotina, principalmente quando Michael, meu namorado, estava trabalhando. E naquela noite ele estava.

Gus se soltou da guia e eu saí correndo atrás dele. Ele era um caçador talentoso. Vivia capturando bolas, frisbees, embalagens de papel, bolhas de sabão, reflexos nas janelas do meu apartamento, o que fosse.

Enquanto corria atrás de Gus, senti de repente a pior dor de toda a minha vida. *Meu Deus, o que é isto?*

Foi uma dor tão forte que caí no chão.

Então piorou. Sentia pontadas intensas percorrendo meu braço, nas costas e até no maxilar. Fiquei ofegante. Não conseguia respirar. Não conseguia me concentrar em nada no Jardim Público. Tudo se transformou em um borrão. Não tinha certeza do que estava acontecendo comigo, mas alguma coisa me dizia: *coração*.

O que estava havendo comigo?

Queria gritar pedindo ajuda, mas mesmo dizer algumas palavras estava além das minhas forças. As árvores do jardim giravam ao meu redor. Pessoas preocupadas começaram a se aproximar e a se agrupar perto de mim.

Gus voltou assustado. Pude ouvi-lo latindo. E então ele começou a lamber meu rosto, mas eu mal sentia sua língua.

Eu estava deitada de costas, segurando o peito.

Coração? Meu Deus. Eu só tenho 35 anos.

“Chamem uma ambulância”, alguém gritou. “Ela está passando mal. Acho que está morrendo.”

Não estou morrendo! Queria gritar. Não posso estar morrendo.

Minha respiração estava ficando mais fraca e eu estava apagando, indo rumo ao nada. *Ah, Deus, pensei. Continue viva, respire, fique consciente, Suzana.*

Foi quando pensei em procurar uma pedra perto de mim. *Agarre-se a esta pedra*, disse a mim mesma, *segure firme*. Acreditei que a pedra era a única coisa que me manteria presa ao chão naquele momento assustador. Queria chamar por Michael, mas sabia que não adiantaria.

Devo ter ficado desmaiada por vários minutos. De repente voltei a mim e me dei conta do que acontecia. Eu estava sendo levada para dentro de uma ambulância. Lágrimas escorriam pelo meu rosto. Meu corpo estava encharcado de suor.

A paramédica não parava de dizer: “A senhora vai ficar bem. Está tudo bem com a senhora.” Mas eu sabia que não estava.

Olhei para ela com toda a força que consegui reunir e sussurrei: “Não me deixe morrer.”

Fiquei segurando a pedrinha com força durante todo o tempo. A última coisa de que me lembro é uma máscara de oxigênio sendo colocada sobre o meu rosto, uma fraqueza mortal se espalhando pelo corpo e a pedra por fim caindo da minha mão.

 *Então, Nicky,*

Eu estava com apenas 35 anos quando tive aquele infarto em Boston. Passei por uma cirurgia de ponte de safena no Hospital Geral de Massachusetts no dia seguinte. Fiquei de licença em casa por quase dois meses e foi durante a minha recuperação que tive tempo de pensar, pensar de verdade, talvez pela primeira vez na vida.

Avaliei cuidadosa e dolorosamente a minha vida em Boston, quanto ela havia se tornado corrida: plantões, pesquisas, horas extras, jornadas duplas, trabalho em excesso. Pensei em como eu vinha me sentindo antes daquele terrível acontecimento. Também examinei a minha própria negação. Minha avó havia morrido por causa de problemas cardíacos. Minha família tinha histórico de doenças cardíacas. E ainda assim eu nunca havia tomado os cuidados necessários.

Foi durante meu período de recuperação que um amigo me contou a história das cinco bolas. Nunca se esqueça desta história, Nicky. Ela é muitíssimo importante.

É o seguinte.

Imagine que a vida seja uma brincadeira em que você fica fazendo malabarismo com cinco bolas. As bolas se chamam trabalho, família, saúde, amigos e integridade. Você está mantendo todas as bolas no ar e um dia finalmente se dá conta de que o trabalho é uma bola de borracha. Se você a deixar cair, ela vai pular de volta. As outras quatro bolas – família, saúde, amigos e integridade – são feitas de vidro. Se você deixar cair alguma, ela vai ficar arranhada, ou lascada ou vai se quebrar de vez.

Depois de compreender a lição das cinco bolas, você terá começado a atingir o equilíbrio na sua vida.

Nicky, *eu finalmente compreendi.*

Informações sobre os próximos lançamentos

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
ou siga-nos no Twitter @editoraarqueiro.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e
poderá participar de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,
escreva para atendimento@editoraarqueiro.com.br
ou mande uma mensagem para o Twitter @editoraarqueiro.

EDITORA ARQUEIRO
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br